

# A QUESTÃO DE GÊNERO NAS DISCUSSÕES NO ESTÁGIO NO CURSO DE PEDAGOGIA

**Isabella Ortiz Maffezoli**

Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo – São Paulo, isaortiz@usp.br;

**Rafaela Vilela Teixeira**

Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo – São Paulo, rafavilela@usp.br;

**Karina Soledad Maldonado Molina**

Professora orientadora: Doutora em Psicologia da Educação, Escola Superior de Agronomia “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo – São Paulo, karisol@usp.br.

## RESUMO

Este capítulo apresenta os resultados e suas análises frutos de uma intervenção sobre a questão de gênero em disciplina do curso de Pedagogia, que tem como especificidade o estágio curricular em Educação Especial. A temática justifica-se pela demanda social do enfrentamento ao preconceito, discriminação e violência das mais diferentes ordens, em função das questões de gênero, o que não difere nos espaços escolares. O problema da pesquisa: Como a discussão de gênero está presente nos planos de aula propostos por licenciandos do Curso Pedagogia? O recorte deste capítulo são as produções dos discentes na elaboração de planos de ensino que tivessem como eixo de análise a questão de gênero, esses planos foram apresentados pelos licenciandos como conclusão à sequência de oficinas de sensibilização e aprofundamento realizadas ao decorrer da disciplina. A metodologia consiste em uma pesquisa intervenção realizada em três etapas: 1) o desenvolvimento de oficinas, 2) a elaboração de planos de aula pelos licenciandos a partir das oficinas, e 3) a análise dos produtos. Nos planos de aula apareceram variadas formas de como tematizar a questão de “gênero” na escola sem necessariamente ser uma aula sobre o tema. Foi destacado como a temática de gênero faz parte do cotidiano e não pode ser dissociada do ambiente escolar. Ficou evidente a importância dos estudos de gênero na formação inicial de professores, uma vez que tal discussão se apresenta como um instrumento essencial na busca de justiça, direitos e equidade.

**Palavras-chave:** Pedagogia, Gênero, Estágio, Formação Inicial, Prática Pedagógica.

## INTRODUÇÃO

A questão de gênero se faz presente em todos os âmbitos da vida social, e, portanto, permeia o cotidiano de todos os indivíduos, seja de forma direta ou indireta. Entendendo que a temática gênero se faz presente na realidade escolar e ainda não é recorrentemente abordada neste ambiente, considera-se necessária a discussão da temática na formação inicial de professores, oferecendo-lhes formação para que tenham condições de desnaturalizar práticas arraigadas culturalmente na sociedade, buscando justiça, direito e equidade.

A partir disso, foi desenvolvido ao longo do ano de 2021 um projeto<sup>1</sup> cuja proposta se filia ao Consórcio Acadêmico para a Excelência no Ensino de Graduação – CAEG da Pró-reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo. Este projeto é de cunho interdisciplinar, articulando os cursos de Educação Física, Matemática e Pedagogia, buscando consolidar um olhar transdisciplinar para a temática proposta.

Neste trabalho, propõe-se a discussão e análise das ações realizadas somente no curso de Pedagogia durante o primeiro semestre de 2021. O projeto-intervenção foi desenvolvido em três etapas: reconhecimento dos conhecimentos prévios dos alunos, a partir do desenvolvimento de oficinas, a solicitação da elaboração de planos de aula sobre a temática e finalmente a análise dos produtos das duas fases anteriores com abordagem qualitativa. Tais ações ocorreram durante as aulas de estágio do curso, e foram realizadas de maneira completamente remota, em função da Pandemia de Covid-19.

Para a realização das oficinas, foi elaborado um questionário composto por perguntas abertas e fechadas, com a intenção de verificar as demandas dos estudantes com relação à temática de gênero, especificamente no ambiente escolar, bem como suas percepções e experiências prévias acerca do tema. As oficinas e os planos de ensino despertaram reflexões nos alunos, desnaturalizando questões de gênero para as quais nunca haviam voltado seu olhar de forma acurada e cuidadosa.

A fundamentação teórica tem como eixo norteador o trabalho de três autoras: Joan Scott (1989), autora de “Gênero: uma categoria útil de análise

<sup>1</sup> O projeto de pesquisa foi aprovado pelo CEP da Escola de Educação Física sob o Parecer Número: 5.070.587

histórica”, e Rachel Soihet e Joana Maria Pedro (2007), autoras de “A emergência da pesquisa histórica das mulheres e das relações de gênero”. Diante do exposto, a partir desse embasamento teórico, as oficinas foram conduzidas pelos integrantes do grupo no sentido de propiciar momentos de elucidação de conceitos e discussões no que se refere ao tema, com o olhar direcionado às demandas e necessidades específicas da turma.

O conceito de gênero foi construído ao decorrer dos anos, sempre em constante mudança e envolto em diversas polêmicas. Não é possível estabelecer qualquer conceito, inclusive o de gênero, sem se ater à sua historicidade. “Os que se propõem a codificar o sentido das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas significam, têm uma história” (SCOTT, 1989, p. 71). Os conceitos são voláteis e mudam ao longo da história, e também são distintos em diferentes sociedades e diferentes contextos. O conceito de gênero, assim como qualquer conceito, não pode, portanto, ser dissociado da sociedade em que está inserido, uma vez que possui nela sua base e reflete seu pensamento.

Ainda segundo Scott (1995), os/as historiadores/as, em sua maioria, mantiveram suas teorias em relação ao “gênero” atreladas principalmente às referências vindas das ciências sociais e consideradas tradicionais. Isso acarretou em teorias limitadas, segundo a autora, uma vez que tendiam a englobar generalizações e simplificar aspectos complexos dentro da história e do processo social. A partir disso, mostrou-se necessário encontrar e propor alternativas para melhor abordar a questão do gênero. O termo “gênero”, então, foi construído de modo a acompanhar a mudança histórica e conciliá-la com os conceitos e teorias já existentes universalmente.

Além disso, para Scott (1989), o gênero também é considerado como um elemento provindo das relações sociais, baseando-se na distinção entre os sexos e sendo, portanto, uma forma que há muito é utilizada para manter hierarquias dentro da sociedade. As mulheres e seu papel social são historicamente invisibilizados, acarretando, de acordo com Soihet e Pedro (2007), em sua negação como sujeito universal e constituidor histórico.

Diante deste cenário, deu-se um antagonismo entre homens e mulheres, o que gerou diversas mobilizações políticas e sociais, não considerando apenas essas categorias, mas também outras inúmeras identidades presentes dentro das mesmas (tais como raça, classe, sexualidade, etc.). Essa variedade de identidades passou a receber maior atenção e firmaram-se como “diferença dentro da diferença” (SOIHET; PEDRO, 2007).

Neste contexto, o conceito de gênero foi se modificando e se adaptando às diversas mudanças pelas quais passava a sociedade. Nos dias atuais, está atrelado a outros conceitos que se fazem essenciais na discussão da temática: sexo biológico, sexualidade e orientação sexual. Durante as oficinas, as sensibilizações abordaram todos eles e geraram trocas de ideias e reflexões acerca de opiniões, pré-concepções e experiências pessoais e profissionais. Além de propiciar uma conversa mais ampla e livre, também foram compartilhadas as definições comumente utilizadas e apresentada a questão histórica envolvendo a temática.

Na definição da pesquisa intervenção considera-se como eixo condutor o que Rocha (2003, p. 71) escreve “Na pesquisa-intervenção, não visamos à mudança imediata da ação instituída, pois a mudança é consequência da produção de uma outra relação entre teoria e prática, assim como entre sujeito e objeto.”

A questão norteadora deste capítulo é: Como a discussão de gênero está presente nos planos de aula propostos por licenciandos do curso Pedagogia?

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O formulário inicial aplicado aos licenciandos foi elaborado pelas integrantes do grupo na intenção de operar como um instrumento de análise acerca das demandas desses com relação ao tema. Nesse sentido, composto por questões abertas e fechadas, o questionário pretendia fazer um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos no que diz respeito à temática de gênero, suas experiências com situações e/ou debates do tema durante a formação (ensino básico e superior), além de também avaliar suas expectativas com relação ao projeto.

Diante do exposto, as intervenções iniciais foram pensadas a partir da análise das respostas dos licenciandos ao formulário, objetivando propiciar debates e sensibilizações, conduzidas pelas integrantes do grupo, acerca da temática de gênero. Essas sensibilizações foram realizadas quinzenalmente durante o primeiro semestre de 2021, ocupando um espaço das aulas regulares da disciplina de estágio, de modo com que os alunos pudessem ter um contato contínuo com as discussões do tema.

A primeira intervenção feita com os licenciandos foi uma dinâmica conduzida pela docente da disciplina de estágio. Foi solicitado que os alunos respondessem em uma ou poucas palavras a pergunta “O que é gênero?”, através da plataforma virtual *Mentimeter*, que formou uma nuvem

de palavras com todas as respostas submetidas, evidenciando aquelas enviadas com maior frequência. Essa primeira atividade também se configurou como um instrumento de análise para a intervenção seguinte.

Nesse sentido, a próxima intervenção visou aprofundar a reflexão individual e coletiva dos licenciandos acerca da mesma questão. Foi solicitado, inicialmente, que os estudantes refletissem e respondessem individualmente à pergunta “O que é gênero?”, intencionando proporcionar a eles um espaço seguro no qual eles pudessem se sentir à vontade para expor suas concepções prévias acerca do conceito. Após a reflexão individual, os alunos foram divididos aleatoriamente em grupos, nos quais eles deveriam discutir sobre a questão para, posteriormente, apresentar uma reflexão coletiva à turma. Essa reflexão coletiva foi compartilhada com a sala através do *Jamboard*, lousa digital disponível na plataforma de encontros on-line. O compartilhamento das reflexões gerou uma conversa coletiva, na qual a maioria dos grupos definiu gênero como uma “construção social” que demarca os papéis sociais de homens e mulheres. É importante ressaltar que as definições foram marcadas por poucas divergências conceituais, e também algumas dificuldades com diferenças geracionais. Com efeito, essa dinâmica inicial objetivou proporcionar uma troca de ideias e reflexões acerca do conceito de gênero. A definição de gênero como “construção social”, suscitada pela maior parte dos grupos, dialoga com a discussão que Scott (1995) traça acerca deste conceito: não é possível analisá-lo e compreendê-lo desassociado de sua sócio-historicidade.

Nas duas intervenções seguintes, foi trabalhada com os estudantes a ideia de “Ideologia de Gênero”, bem como as implicações das percepções sociais desse termo para a abordagem do tema de gênero na escola. Para a discussão inicial do tema, foi trazida uma charge que intencionava funcionar como elemento disparador para o debate. Foi solicitado aos estudantes que apontassem e compartilhassem com o grupo suas impressões e análises a partir da leitura da charge. Em seguida, foram apresentados aos estudantes alguns prints de comentários acerca dos conceitos de gênero e sexualidade, extraídos de redes sociais. A partir dessas imagens, foram suscitados debates que buscavam discutir o significado e a origem do termo “ideologia de gênero”, bem como o papel das redes sociais na disseminação de opiniões das mais diversas, informação e desinformação (*fake news*).

Para fechar o tópico sobre “ideologia de gênero”, foi reproduzido durante a intervenção um vídeo do canal do youtube *Quebrando o Tabu*, publicado em 11 de Julho de 2019, intitulado “O que é ideologia de

gênero? Desenhando”. De maneira rápida e linguagem acessível, o vídeo se propõe a desmistificar e elucidar mentiras acerca do que é entendido como “ideologia de gênero”, uma vez que o tema é cercado por polêmicas e desinformação, e é usado particularmente para associar as discussões de gênero na escola a uma denotação pejorativa. Ao fim do vídeo, os estudantes foram encorajados pelas integrantes do grupo de pesquisa a expressarem suas impressões e contribuições em relação ao tema.

Após as intervenções acerca da “Ideologia de Gênero”, foi solicitado aos estudantes que enviassem às integrantes do grupo, de maneira assíncrona, duas situações que envolvessem questões atreladas à gênero e sexualidade vivenciadas por eles durante sua vida escolar e/ou durante a licenciatura. Para a intervenção seguinte, alguns desses relatos foram selecionados pelas integrantes do grupo de pesquisa e dispostos em arquivos, divididos a partir de algum tema comum que apresentavam. Os licenciandos foram divididos aleatoriamente em grupos e os arquivos com os relatos foram entregues para cada um dos grupos também de maneira aleatória. É importante ressaltar que a identidade dos alunos que enviaram os relatos de experiência foi preservada. Foi solicitado a eles que identificassem, entre os relatos, pautas comuns neles abordadas e, em seguida, escolhessem um para fazer uma análise mais aprofundada. Ademais, também foi solicitado para que eles propusessem uma possível intervenção para caso escolhido, colocando-se no lugar dos professores ou coordenação de tal relato. Para sistematizar as discussões feita por eles nos grupos, foi disponibilizado um **padlet**, no qual os licenciandos apresentavam brevemente as intervenções suscitadas por eles. A intenção dessa atividade era promover a reflexão e evidenciar como as questões de gênero permeiam a sociedade e, em especial, o âmbito escolar.

Como resultado das oficinas feitas ao longo do curso, foi solicitado aos alunos que elaborassem e apresentassem, em grupos definidos pelos mesmos, planos de aula nos quais estivesse presente a questão de gênero, de maneira direta ou indireta. Nos planos, os alunos deveriam descrever os objetivos e contextualizar suas escolhas pedagógicas. A intenção dessa última atividade era simular as abordagens relativas à temática de gênero em sala de aula para que os licenciandos pudessem colocar em prática as discussões feitas ao longo das sensibilizações.

Dessa maneira, durante a última aula-intervenção, os licenciandos tiveram a oportunidade de apresentar e partilhar com a turma ideias de práticas pedagógicas nas quais o tema de gênero se faz presente. A troca de

conhecimentos, ideias e experiências nessa etapa foi essencial e evidenciou o impacto gerado pelas intervenções ao decorrer do semestre.

Dentre os planos de aula, foram escolhidos variados níveis escolares para a aplicação: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e até mesmo EJA. Diante disso, foi possível perceber que os licenciandos escolheram diferentes estratégias de abordagem, mas que a preocupação em trazer meios de aproximar o conteúdo com a realidade dos alunos se fez presente em todos os planos de aula.

Ao decorrer das apresentações, muitas das falas dos alunos resultaram em momentos de reflexão para muito além dos planos de aula ali apresentados. Foram também suscitadas algumas conversas que remetiam a situações pessoais pelas quais os alunos haviam passado ou ainda passavam em seu cotidiano. Algumas das propostas de aulas apresentadas pelos licenciandos levantaram a questão de gênero a partir da leitura de livros que não tratavam diretamente do tema, mas ainda assim eram capazes de gerar uma discussão muito rica entre os alunos sobre a dualidade de escolhas pessoais x imposições sociais. Após a apresentação e leitura de um dos livros propostos em um dos planos de aula, a discussão gerada entre os licenciandos presentes colocava em pauta alguns pontos e questionamentos: “Você faz o que realmente gosta, ou faz aquilo que é imposto pela sociedade?”. Outra pergunta suscitada em meio ao debate foi: “Quando você era pequeno, você podia escolher seus próprios brinquedos? Ou ganhava carrinhos por ser menino e bonecas por ser menina?”. Ambas as perguntas geraram diversas reflexões acerca do tema, e um número significativo de licenciandos expressou nunca ter parado para pensar sobre isso, principalmente no que se refere à suas próprias experiências durante a infância.

A escolha dos livros feita pelos licenciandos e a maneira como eles buscaram articulá-los dentro dos planos de aula através dos questionamentos levantados, evidenciou a busca pelo rompimento daquilo que Scott chama de “símbolos culturalmente disponíveis”, que são aqueles símbolos presentes e expressos em doutrinas tais quais as religiosas e educativas, e que evocam representações múltiplas, segundo a autora. Nessas representações, “A história posterior é escrita como se essas posições normativas fossem o produto de um consenso social e não de um conflito.” (Scott, 1995, p. 21). Nesse sentido, a busca pelo rompimento destes símbolos é notória na medida em que os licenciandos escolhem trabalhar, em seus planos de aula, com livros infantis que subvertem e/ou questionam os papéis sociais atribuídos ao que é considerado feminino e masculino, e que são

propagados culturalmente através de diversas representações simbólicas como por exemplo em diversos livros infantis.

Um exemplo disso evidente em um dos planos de aula apresentados, foi a escolha do livro “Pode pegar” de Janaina Tokitaka. O livro conta a história de dois coelhos que resolvem trocar de roupa: um deles está de saia, batom e salto alto e o outro de botas, calça e gravata. Fica claro que, para aqueles coelhos, as roupas e acessórios escolhidos por eles não têm qualquer interferência relacionada ao gênero. A menina deseja usar botas para atravessar o riacho e o menino quer usar salto para ficar mais alto. Eles são, então, surpreendidos por um adulto que reprime essa troca de roupas com a justificativa de: como poderia identificar quem é o menino e quem é a menina?

Ao simplesmente trocarem de roupas, os personagens da história rompem com o comportamento esperado deles e naturalizado na sociedade, ao mesmo tempo em que subvertem uma simbologia normalizada. Assim, a história propicia que a desigualdade de gênero seja discutida, na medida em que evidencia a construção social em torno do que é ser menino ou menina, e possibilita que seja feita uma reflexão sobre qual a real importância de tais denominações para a vida de uma criança em sociedade. Diante disso, as licenciandas propuseram buscar junto com as crianças situações em que elas se sentiriam desconfortáveis ao quererem usar roupas que são socialmente consideradas para o outro gênero e gerar uma discussão sobre o assunto, levantando questões de individualidade de gênero.

Nesse mesmo sentido, um outro exemplo de livro utilizado em uma das apresentações foi o do “O monstro monstruoso da caverna cavernosa”, de Rosana Rios. O livro narra a história do Monstro Monstruoso, que não gosta de devorar princesas, “como devem todos os monstros fazer”, mas sim sorvetes. Um dia, o Monstro recebe uma carta da Associação dos Monstros para cumprir seus deveres. Mesmo assim, o Monstro não devora nenhuma princesa, alegando não ter encontrado nenhuma. A Associação, então, envia uma para o Monstro. Essa é, no entanto, uma princesa diferente: não gosta da vida que leva no castelo, tendo que bordar e agradar príncipes. Um príncipe é enviado para salvá-la, porém é sem jeito e confessa que não gosta de lutar ou machucar as pessoas. Tanto o Monstro quanto o príncipe estão com medo de confessar seus gostos, pois não querem perder o emprego ou o lugar na Associação. A princesa tem opiniões fortes e sugere que os três montem seu próprio negócio. Assim, juntos, eles são felizes porque fazem o que gostam: sorvetes.

O livro conta com uma abordagem que diz respeito aos gostos dos indivíduos, possibilitando o levantamento de diversos questionamentos às crianças: Será que preciso gostar daquilo que me foi imposto? Os personagens deveriam seguir as normas ou o que eles gostam? O que fazia os personagens felizes? Além disso, as atividades propostas englobam uma reflexão acerca dos gostos particulares de cada uma das crianças, como qual brincadeira gosta e qual não gosta. Mais uma vez, é notável que a abordagem trazida pelo livro em questão vai em contrapartida com simbologias - ou símbolos culturalmente disponíveis - muitas vezes presentes em diversos livros infantis que promovem a normalização e aceitação daquilo que é considerado natural na sociedade. Assim, de maneira lúdica, o livro gera questionamentos e discussões que levam à reflexões.

Além deste, outro plano de aula teve uma abordagem bastante semelhante, desta vez através de vídeos elucidando diferentes brincadeiras da infância, além da leitura de dois livros. As perguntas disparadoras foram: “Vocês tinham liberdade para escolherem suas brincadeiras ou era algo imposto a você?”. A partir desse questionamento, uma das licenciandas presentes na apresentação compartilhou uma situação que vivenciou no trabalho. Disse que durante um momento de brincadeira livre em sala de aula, uma aluna se aproximou e disse: “Os meninos estão ali brincando com os blocos”. Ela refletiu um momento, voltou a olhar para a licencianda e completou: “Eu também gosto de brincadeira de meninos, sabia?”. Segundo ela, a menina quase parecia estar pedindo permissão para brincar através da sua fala, como se não fosse certo ela querer brincar daquilo, já que era uma menina e aquela era uma “brincadeira de menino”.

As discussões levantadas evidenciam como a sociedade aderiu, ao decorrer dos anos, uma “visão funcionalista, fundamentada, em última análise, na biologia e na perpetuação da ideia de esferas separadas na escrita da história (sexualidade ou política, família ou nação, mulheres ou homens)” (SCOTT, 1995, p. 76). Neste contexto, verifica-se que o conceito de “gênero” estabelecido ao longo da história tem impactos que perduram até os dias atuais. “Coisa de menino” e “coisa de menina” são construções que foram produzidas e impostas socialmente, refletindo em diversas situações presentes no dia-a-dia. Os famosos “chás-revelação” são um exemplo bastante nítido dessa construção histórica. Ao revelar que o bebê é do sexo feminino, a cor que representa a descoberta é o rosa; ao revelar que o bebê é do sexo masculino, a cor é o azul. O mesmo vale para os tipos de brinquedos. Os meninos costumam ser presenteados com carrinhos, bolas, brinquedos de super-heróis e outros que possivelmente remetem

a essa “masculinidade” imposta. As meninas, por sua vez, com bonecas, brinquedos de cozinha e outros que fazem alusão a este estereótipo de delicadeza e feminilidade. São aspectos já tão profundamente enraizados que, assim como visto nas discussões levantadas por estes planos de aula, muitas pessoas não questionam essas determinações ou nem mesmo percebem que durante toda a vida foram submetidas a elas.

Os planos de aula direcionados aos alunos mais velhos demonstraram abordagens mais próximas da realidade e interesses desses alunos. Duas das apresentações trouxeram a questão dos esportes dentro das Olimpíadas e pretendiam levar para rodas de conversa com os alunos pontuações sobre as modalidades e a visibilidade de cada uma delas a partir do gênero, visando ampliar o senso crítico dos mesmos [alunos]. Em uma dos planos de aula também foi destacada a representação feminina no Skate durante as Olimpíadas de 2021, esporte visto tipicamente como voltado ao público masculino. A partir desses tópicos, foram levantadas pelos licenciandos outras questões relativas ao gênero dentro do esporte e debates sobre como a desigualdade que existe ainda nos esportes é muito grande.

A abordagem dos esportes nos planos de aula é especialmente interessante uma vez que determinados esportes são socialmente concebidos como voltados ao público masculino, enquanto outros são atrelados ao público feminino. É evidente que, mais uma vez, esse tópico também tangencia as relações de poder ligadas ao gênero. Nesse sentido, Soihet e Pedro (2007) citam Scott, que propõe o gênero como um elemento concebido a partir das relações sociais, baseadas exclusivamente nas diferenças percebidas entre os sexos e como forma de significar as relações de poder. A discussão levantada acerca dos esportes evidencia de forma precisa essa diferenciação atribuída aos feminino e masculino. Foi apontado que esportes cujas funcionalidades são voltadas à delicadeza e precisão de movimentos, são majoritariamente considerados femininos; já aqueles que exigem maior força e, de certa “agressividade”, são considerados masculinos. As modalidades presentes nas Olimpíadas evidenciam essa diferenciação, até mesmo no que diz respeito à divulgação de informações: a modalidade que se encaixa no determinismo imposto é mais altamente divulgada, como a ginástica feminina, o futebol masculino, etc. Não apenas isso, como também existe um tom de surpresa quando uma atleta do sexo feminino ganha em alguma luta, por exemplo. Por tratar diretamente dos corpos, conceitos da biologia são muito utilizados no esporte para justificar tais suposições construídas socialmente. As justificativas biológicas acerca do gênero, no entanto, não passam de mais uma forma de

subordinação e hierarquização das relações sociais, como explicita Scott (1995):

[...] O gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. (SCOTT, 1995, p.7)

Outro plano de aula, direcionado a alunos do Ensino Médio, propunha indagar aos alunos reflexões sobre o mercado de trabalho. Foram abordadas questões como: “Quais são as desigualdades no mercado?” e “Qual profissão você quer seguir?”, utilizando gráficos e dados estatísticos que mostrassem o cenário atual do mercado de trabalho. A discussão gerada pela proposta evidenciou que todos os licenciandos que se manifestaram perante tais perguntas já tinham passado ou percebido essas desigualdades. Diante dessa percepção, foram levantados diversos tópicos que elucidam essa desigualdade. A questão do salário foi um dos mais citados: diversas mulheres que exercem o exato mesmo cargo que homens recebem um salário menor, ainda que tenham as mesmas funções e o mesmo desempenho. Outro aspecto destacado foi a preferência pela contratação de homens. Diversas são as vezes em que é possível encontrar anúncios de emprego cujas especificações exigem um candidato do sexo masculino para a candidatura. Além disso, ainda existe a questão do assédio que muitas mulheres vivenciam em seu dia-a-dia. Uma das licenciandas pontuou uma “situação absurda” pela qual passou sua amiga: durante uma entrevista de emprego, um dos entrevistadores pegou, sem permissão, seu número de telefone em seu currículo e passou a mandar mensagens inapropriadas para a mesma. A partir disso, outras situações de desigualdade e assédio foram abarcadas pelos licenciandos, de forma a retratar como mulheres e homens ainda são tratados de forma muito diferente dentro do mercado de trabalho.

Em diálogo com ideias de Foucault, Scott relaciona o conceito de gênero diretamente com as relações hierárquicas de poder:

“Freqüentemente, a ênfase colocada sobre o gênero não é explícita, mas constitui, no entanto, uma dimensão decisiva da organização, da igualdade e desigualdade. As estruturas hierárquicas baseiam-se em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e o feminino.” (SCOTT, 1995, p. 26).

As hierarquias estabelecidas e naturalizadas na sociedade e justificadas através do gênero, bem como as desigualdades criadas por elas, foram evidenciadas nos planos de aula através de dados estatísticos reais que os licenciandos propunham apresentar aos alunos, e que funcionariam como elementos disparadores às discussões acerca da temática de gênero em sala de aula. A percepção dessas relações de poder produtoras de desigualdades, através das discussões promovidas em sala de aula, fundadas em vivências do cotidiano dos próprios alunos, se mostra de extrema importância na discussão sobre a temática, na medida em que esclarece que a organização social está atrelada às questões de gênero e não são produtos naturais na sociedade.

Ainda sobre as relações de poder atreladas ao gênero, de acordo com Soihet e Pedro (2007, p. 288), o “gênero”:

“dá ênfase ao caráter fundamentalmente social, cultural, das distinções baseadas no sexo, afastando o fantasma da naturalização; dá precisão à idéia de assimetria e de hierarquia nas relações entre homens e mulheres, incorporando a dimensão das relações de poder; dá relevo ao aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, de que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois poderia existir através de um estudo que os considerasse totalmente em separado, aspecto essencial para “descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la”. (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 288).

Dentre as diversas questões que tangenciam a temática de gênero, as apresentações dos planos de aulas feitas pelos licenciandos remetiam principalmente à problematização das desigualdades, hierarquizações, símbolos culturalmente difundidos, bem como a naturalização dos papéis de gênero construídos socialmente e propagados por diversos meios, inclusive em instituições escolares.

Os planos de aula explicitados são apenas alguns exemplos da diversidade encontrada pelos licenciandos em tratar da questão de gênero dentro

de sala de aula. As escolhas criativas, cuidadosas e bem fundamentadas deixam claro o resultado gerado pelas sensibilizações e apontam para profissionais e futuros profissionais da educação dispostos a estudar ainda mais sobre a temática, a fim de abordá-la da melhor maneira possível com seus alunos. Após todas as apresentações, foi solicitado para que os alunos enviassem às integrantes do grupo de pesquisa também o arquivo escrito dos planos de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados no questionário inicialmente aplicado evidenciaram uma insegurança dos licenciandos quanto à abordagem e ao domínio da temática de gênero. Por outro lado, eles manifestaram interesse pelo tema e expressaram considerar uma temática relevante para ser debatida durante a licenciatura. Também exprimiram a intenção e desejo do aprendizado de estratégias para abordar com maior segurança o tema em sala de aula. Além disso, as respostas obtidas no formulário expuseram que grande parte dos alunos teve pouco ou nenhum contato com a discussão sobre gênero durante a educação básica.

A partir das respostas obtidas no questionário inicial, foram desenvolvidas as oficinas, pensadas e preparadas durante reuniões semanais pelos integrantes do grupo do projeto. Estas intencionavam debater a preparação de sensibilizações acerca da temática de gênero com os licenciandos da Pedagogia, em um ambiente acolhedor e propício ao debate.

A análise das respostas obtidas no questionário inicial, bem como das discussões suscitadas ao longo das sensibilizações, evidenciou a recorrência com a qual as questões de gênero aparecem em sala de aula, de maneira sutil ou mais explícita. Os licenciandos expressaram, em diversos momentos, sentimentos de despreparo e insegurança para lidar com essas questões, ao mesmo tempo em que consideravam importante a realização de uma intervenção em sala de aula acerca do tema. Nesse sentido, manifestaram julgar importante a discussão sobre o tópico durante a licenciatura, no sentido de prepará-los e torná-los mais confiantes no modo de lidar com essas questões e, de um modo mais amplo, no sentido de contribuir na desconstrução de estereótipos de gênero que se perpetuam na sociedade.

Após a realização das oficinas, como produto das sensibilizações realizadas ao longo do curso, foi solicitado aos alunos que elaborassem e apresentassem planos de aula que abordassem a temática de gênero, de maneira direta ou transversal. O intuito da atividade proposta foi promover

a reflexão da aplicabilidade dentro de sala de aula das questões suscitadas nos debates acerca da temática de gênero, uma vez que isso consiste em uma das finalidades do projeto. Desta maneira, os licenciandos foram capazes de simular a abordagem da temática de gênero sob o ponto de vista de docentes da educação básica.

A dinâmica de apresentação dos planos de aula permitiu o compartilhamento de diferentes propostas e a troca de ideias sobre como tratar o tema em sala de aula. Além disso, as apresentações dos planos de aula também fizeram surgir falas entre os licenciandos sobre situações vivenciadas ou presenciadas por eles durante seu cotidiano. Dentre os planos de aula, apareceram variadas formas de como suscitar o tema direta ou indiretamente, destacando-se a presença de abordagens a partir de livros, tanto para Educação Infantil, quanto para Ensino Fundamental e Médio. Uma particularidade notada em todos os planos elaborados foi a preocupação em aproximar o tema da aula com a vivência e a realidade dos alunos, evidenciando como a temática de gênero faz parte do cotidiano e não pode ser dissociada, inclusive, do ambiente escolar.

Além disso, é interessante ressaltar também que alguns licenciandos elaboraram os planos de aula a partir de situações vivenciadas por eles no ambiente escolar, apresentando novas maneiras de intervenção à elas. Ficou evidente, nessas intervenções pensadas por eles, o embasamento nas teorias apresentadas durante as sensibilizações, desde a historicidade da questão do gênero até os conceitos trabalhados, bem como nas discussões feitas ao longo das sensibilizações, indicando a importância desse debate na licenciatura para desmistificar questões enraizadas e naturalizadas socialmente.

A partir dos estudos e das análises, foi possível perceber a importância das discussões de gênero na formação inicial de professores, uma vez que o tópico perpassa o cotidiano escolar e ainda assim é pouco debatido no meio. Diversas são as situações em que docentes se deparam com questões de gênero, fato que ficou evidente nas discussões realizadas durante as oficinas e apresentações. Foram levantadas vivências dos licenciandos, seja como alunos ou como docentes, nas quais se depararam com desafios ao abordar a temática. Dentre as situações vividas, poucas são as vezes em que se encontram preparados ou seguros para lidar com elas, como destacado nas respostas dos formulários e em falas dos alunos ao longo das sensibilizações. Sendo assim, partindo do pressuposto inicial de que os professores devem ter condições de desnaturalizar práticas arraigadas na sociedade, fica evidente que a discussão sobre a questão de gênero

durante a licenciatura é uma ferramenta indispensável para a capacitação de docentes no combate ao preconceito, discriminação e violência das mais diferentes ordens atreladas às questões de gênero.

## AGRADECIMENTOS

Ao Consórcio Acadêmico para a Excelência no Ensino de Graduação – CAEG da Pró-reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo, por tornar possível a realização do trabalho através do fornecimento de bolsas para a pesquisa. À professora orientadora Karina Soledad Maldonado Molina, por ter orientado com dedicação e companheirismo durante todo o percurso. Aos professores Sergio Roberto Silveira e Barbara Corominas Valerio, por também orientarem e tornarem possível a realização da pesquisa. Às demais bolsistas e companheiras de pesquisa Anita Franco Vilardaga e Thais Chen, pelas aprendizagens conjuntas, dedicação e companheirismo em todas as etapas do trabalho. A todos e todas que participaram de maneira direta ou indireta da realização do projeto, contribuindo para sua concretização.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO (org.), Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 83-95. ROCHA, Marisa Lopes da. Pesquisa-Intervenção e a Produção de Novas Análises. Psicologia Ciência E Profissão, 2003, 23 (4), 64-73

SCOTT, Joan. (1995) Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Vol.20(2), p. 71-99.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. (2007). A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. Revista Brasileira de História [online]., v. 27, n. 54, pp. 281-300.